

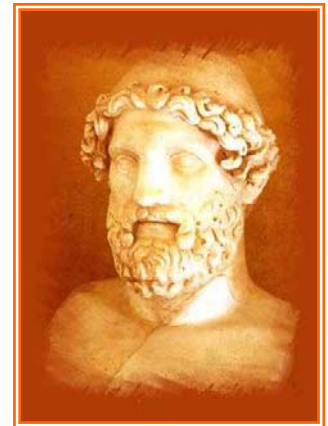
Hefesto na Vida dos Gregos (Um deus com deficiência física)

A existência de figuras lendárias, como as divindades da Mitologia Grega, por exemplo, muito tem a ver com a realidade da vida dos povos que delas tomavam conhecimento ou a ela dedicavam suas oferendas e preces.

O Centro de Referências FASTER, em sua contínua pesquisa de temas que ilustrem condignamente o valor das pessoas com deficiência, considerou que a divulgação de alguns ângulos da história mitológica de Hefesto poderá ajudar na compreensão da contínua epopéia humana vivida por pessoas com deficiência, em sua luta pela sobrevivência e pela qualidade de vida.

Quem foi Hefesto (Hephaistos)?

De acordo com a Mitologia Grega, Hefesto, filho da deusa Hera e de Zeus, foi um dos doze deuses olímpicos (aqueles que moravam no Monte Olimpo), no sofisticado Panteão Grego. Nascido com defeitos em suas pernas, foi lançado do alto do Olimpo pelo próprio Zeus, seu pai, aparentemente com a anuência silenciosa de Hera, por acharem o menino disforme e muito feio. Depois de um dia todo rolando morro abaixo, foi amparado pelas nereidas Tétis e Eurínome, que o criaram e abrigaram numa gruta vulcânica na ilha de Lemnos. Foi lá que, durante nove anos, elas ensinaram ao jovem Hefesto os segredos da metalurgia, o domínio do fogo e a arte de trabalhos refinados em metal. Ele tem sido apresentado como um ser muito competente em sua arte, criando peças sempre citadas como maravilhosas. Apesar de no início provocar as eventuais gargalhadas irônicas dos



demais deuses do Olimpo devido a suas pernas e ao seu claudicar, conquistou o respeito que merecia pela seriedade de seus relacionamentos e pela extrema qualidade de seus trabalhos e de seus serviços, e nada mais. Acabou sendo muito bem aceito por todos os demais deuses do Olimpo.

Dentre os notáveis trabalhos atribuídos a Hefesto, a mitologia cita os raios que eram utilizados por Zeus, o tridente de Poseidon (Netuno), a couraça de Hércules (Hércules), as flechas de Apolo e as fulgurantes armas de Aquiles na Guerra de Tróia, ilustrada na figura ao lado.

A vingança de Hefesto e sua volta ao Olimpo

Hefesto sempre guardou consigo um profundo ressentimento contra sua mãe, a deusa Hera, devido ao fato de não ter impedido Zeus de atirá-lo do alto do Olimpo por causa de suas pernas defeituosas. Arquetou uma vingança embaraçosa contra ela: fabricou-lhe um lindo trono de ouro, ricamente decorado, e mandou que lhe fosse entregue com toda a pompa durante uma festa de todos os deuses.

Hera ficou contentíssima por ouvir a respeito do filho e muito orgulhosa sentou-se no maravilhoso trono, sob os aplausos dos demais deuses. Ao tentar levantar-se, porém, sentiu-se presa, agarrada por mãos e fios invisíveis. Hefesto, que não estava presente na festa, recusou-se a sair de sua gruta e deixou os demais deuses tentar livrar Hera, sem resultados. Finalmente, face à insistência de todos, inclusive do poderoso Zeus, seu pai, concordou em livrar sua mãe daquele vexame, impondo duas condições: voltar triunfante ao Olimpo e casar-se com a mais bela de todas as deusas, ou seja, com Afrodite. Zeus concedeu os pedidos. Hefesto foi recebido de volta no meio dos deuses olímpicos, precedido pelo deus Dionísio (Baco) e Afrodite, jovem e bela, acabou casando-se com ele.



É interessante notar que no poema épico

"Ilíada", Homero mostra Hefesto desfrutando dias tranquilos e de muito trabalho, graças ao amor de sua esposa Cária, deusa da graça e da primavera.

Hefesto Traído por Afrodite e Ares

No entanto, na "Odisséia" Homero apresenta Hefesto casado com Afrodite, a belíssima deusa do amor (a Vênus dos romanos), por uma imposição de Zeus. Aos poucos começou a mostrar-se muito ciumento, magoado e ardiloso, expressando todo o seu ressentimento devido aos defeitos em suas pernas, de uma maneira bem franca e muito aberta.

O que havia sucedido para tanto? De fato o assunto era sério e Hefesto tinha carradas de razão para mostrar-se aborrecido. Ares, o deus da guerra (o Marte dos romanos), havia-se enamorado de Afrodite e começara a encontrar-se com ela em sua própria casa, logo após Hefesto sair para trabalhar em suas oficinas. Sabedor do adultério de sua mulher, Hefesto planejou com muito cuidado a armadilha para o estabelecimento de um flagrante incontestável.



Para tanto, fabricou uma rede quase invisível, mas "de laços inquebráveis, inextricáveis, para que neles ficassem retidos os dois amantes", segundo Homero. E, de fato, a rede, colocada cuidadosamente sobre o leito, foi puxada para o alto pelo próprio Hefesto e prendeu os dois amantes na hora exata. Ficaram debatendo-se no ar, sem qualquer possibilidade de se justificar ou mesmo de escapar, pois o engenhoso Hefesto preparara tudo para a sutil e quase invisível rede ser acionada.

Hefesto sentia-se vilmente traído devido à sua deficiência física e explodiu aos berros, para todo o Olimpo ouvir: - "Zeus, pai, e todos os deuses restantes, bem-aventurados e sempiternos, vinde aqui presenciar uma cena ridícula e monstruosa. Por eu ser coxo, Afrodite, filha de Zeus, de contínuo me cobre de desonra; ela ama Ares, o destruidor, porque é belo e tem as pernas direitas, ao passo que eu sou defeituoso de nascença. Mas a culpa não é minha, apenas de meus genitores, que melhor teriam procedido se não me houvessem gerado" "a minha rede os reterá cativos até que o pai dela (*era Zeus*) me restitua todos os presentes que lhe dei por sua descarada filha. Ela pode ser bela, mas não tem vergonha" (Canto VIII da "Odisséia", de Homero).

Homero entra em alguns pormenores quanto ao vexame imposto a Ares e Afrodite, nus e presos na rede invisível que os puxara para o alto, sendo observados por outros deuses - todos eles do sexo masculino, uma vez que as deusas, por pudor, haviam preferido ficar fora. Todos eles riram muito dos dois amantes, alguns expressando o desejo de estar no lugar de Ares e no meio dos comentários bastante humanos para os portentosos imortais, surgiu uma observação de alta valorização das habilidades de Hefesto, o artífice com deficiência: - "Habitantes do Olimpo, de que aproveitam as más ações? Um coxo alcança o que é ágil, como agora aconteceu: este cambeta Hefesto, lento como é, apanhou com seus artifícios a Ares, o mais veloz dos deuses".

A importância de Hefesto na vida real



Analistas dos poemas de Homero têm sugerido que, devido à apresentação mitológica de Hefesto como o deus da metalurgia e das artes manuais mais finas, as profissões de ferreiro, armeiro, artesão e atividades afins, na vida real da Grécia Antiga eram especialmente preferidas por homens com deficiências físicas ou dificuldades de movimentação.

Vale ressaltar que na cidade industrial de Atenas, Hefesto sempre foi considerado um deus importante, mantendo-se a classe dos artesãos sob sua proteção. Para se certificar disso, basta visitar as ruínas do seu enorme templo em

Atenas. De acordo com estudiosos da mitologia grega, apesar de sua evidente deficiência física e de sua alegada figura rude e de poucos amigos, Hefesto cuidava de sua aparência com esmero e procurava reduzir as dificuldades provocadas por sua

deficiência nas pernas, de um modo bastante sofisticado. Primeiramente, quando recebia visitas de importância, o fabuloso ferreiro e artesão parava para lavar o rosto, os braços, o pescoço e o peito. Logo após, vestia uma túnica limpa e, apoiado num trabalhado bastão que ele mesmo fabricara, ia sentar-se em seu trono. Refinado como era, construía estátuas de bronze devidamente articuladas, retratando duas lindas jovens, que se movimentavam e falavam, e que ficavam ao seu dispor para tornar mais cômodos todos os seus movimentos!...Hefesto utilizava também continuamente uma inventiva cadeira de rodas anfíbia, movimentada por dois cisnes brancos.



Segundo consta, Hefesto teve vários filhos e um deles, Perifetes, tinha o mesmo problema físico do pai - o que talvez indique certa crença popular de que alguns defeitos físicos podiam ser hereditários. Diferentemente do pai, Perifetes foi um bandido, assaltante de estradas. Teseu, o destruidor de monstros, arrancou-lhe o terrível bastão com que matava suas vítimas, terminando com o pavor que rondava Epidauros e os devotos de Asclépios, o deus da cura.

(*) Otto Marques da Silva
Autor de "A Epopéia Ignorada"
omdasilva@uol.com.br